

10

CAPÍTULO

RETOR, ORADOR, DECLAMADOR

João Hilton Sayeg-Siqueira

Normalmente, quando se fala de linguagem, pensa-se em um instrumento criado pelo homem para disseminar suas ideias, seus conhecimentos, mas, em verdade, a linguagem foi criada para o estabelecimento de poder sobre o ambiente em que se insere, seja o homem ou qualquer outro ser vivo que a desenvolveu. No entanto, distingue-se uma linguagem articulada de uma linguagem rudimentar.

A linguagem verbal humana é a única completamente articulada, ou seja, com apenas 5 vogais, 2 semivogais, 21 consoantes e uma estrutura silábica composta por uma central (preenchida por vogal), ladeada por duas marginais anteriores e

duas marginais posteriores (MMCM, preenchidas por semivogais e consoantes), são produzidos um sem número de sílabas e infinitas palavras.

As linguagens rudimentares são aquelas pouco ou não articuladas. Uma das mais intrigantes é a dos insetos sociais. As abelhas se comunicam por intermédio de uma espécie de dança que serve, particularmente, de orientação para as forrageadoras, as que buscam alimento, para indicar a localização dele. A linguagem da dança tem por eixo organizador o Sol. Se a fonte de alimento está na direção do Sol, a dança é para o alto, se, em posição contrária, a dança é para baixo; pode ser também para a direita ou para a esquerda. Somada a isso vem a velocidade do batimento das asas, mais rápida, a distância é curta, mais lenta, é longa. Alguns ruídos complementam e dão maior precisão às informações.

Seja a linguagem articulada, formal, nominal e gramatical; seja a linguagem rudimentar, pré-formal, pré-nominal, pré-gramatical; a finalidade precípua é a de garantir organização social, hierarquia comunitária, demarcação territorial, proteção por fragilidade, austeridade para controle. Portanto, a linguagem foi criada e desenvolvida como dispositivo de empoderamento. Quem domina as artimanhas organizacionais, informacionais e argumentativas da linguagem, estabelece a hegemonia social de poder.

Em suma, linguagem é toda forma de representação com função ideacional, interacional e textual (cf. HALLIDAY, 1994). Por meio da função ideacional, são registrados conhecimentos empíricos (para animais e humanos) e conceituais (só para humanos); por meio da função interacional, são construídos processos de ação inter partícipes (membros da comunidade); por meio da função textual, cumpre-se a vocação de toda linguagem, que é a de ser texto, unidade (simples ou complexa) de significação que possibilita o fazimento de sentidos, seja para a construção de conhecimento, seja para o estabelecimento de relações intermembros. Esta função serve de instrumento para as outras duas.

Para a produção de texto é condição *sine qua non* a elaboração de discurso, uma vez que *textus*, particípio passado do verbo *texere*, foi metaforicamente utilizado por Quintiliano (IX, 4, 13) para designar a atualização linguística do discurso. Texto é o tecido léxico-gramatical do discurso. Só se produz texto por meio da elaboração de discurso; e só se analisa discurso por meio do texto. Destarte, toda análise de discurso é textualmente orientada (cf. FAIRCLOUGH, 2001).

Em vista disso, para se iniciar qualquer análise é necessário um texto, independentemente de seu grau de complexidade. No caso, foi selecionado um soneto de Gregório de Matos Guerra (1636-1696), poeta baiano, do movimento Barroco brasileiro (1601-1768).

AO BRAÇO DO MESMO MENINO JESUS QUANDO APPARECEO

O todo sem a parte não é todo,
A parte sem o todo não é parte,
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga, que é parte, sendo todo.
Em todo o Sacramento está Deus todo,
E todo assiste inteiro em qualquer parte,
E feito em partes todo em toda a parte,
Em qualquer parte sempre fica o todo.
O braço de Jesus não seja parte,
Pois que feito Jesus em partes todo,
Assiste cada parte em sua parte.
Não se sabendo parte deste todo,
Um braço, que lhe acharam, sendo parte,
Nos disse as partes todas deste todo.

O texto faz referência a um fato, no segundo verso do segundo terceto: *Um braço, que lhe acharam*. Relacionado ao título, esclarece-se que o braço pertence ao menino Jesus. A partir da constatação do fato, tem início uma reflexão sobre o valor do achado e que sentido ele pode fazer, como parte que pertenceu a um todo que por ela é identificado. É o mote para a construção da glosa, por meio da figura da dobra e do fractal.

O estudo do Barroco, resgatado por Deleuze (2007), se dá pela figura da dobra, construída pela presença de uma característica inerente, a antítese, em que a inserção de um segundo elemento se dá por oposição ao primeiro, o que provoca uma dobra, que, por sua vez, se desdobra na retomada do primeiro elemento e se redobra com a recuperação do segundo elemento, e se desdobra com o resgate do primeiro, e assim por diante:

O todo¹ sem a parte² não é todo¹,
A parte² sem o todo¹ não é parte²,.

Esse movimento é observado no esquema que organiza as rimas: ABBA/ABBA/ ABA/BAB. Isso não era novidade no estilo barroco. Trata-se da variante

que era conhecida na época como um soneto contínuo, por alternar apenas duas rimas do início ao fim. A frequência com que ocorre uma, ocorre outra, ambas feitas pela alternância entre as duas palavras, todo e parte. O todo está contido nas partes e as partes são constitutivas do todo, ou seja, o todo é definido, tem existência pelas partes, acontecendo o mesmo com as partes em relação ao todo:

[...] é todo, [...] é parte, [...] sendo parte, [...] sendo todo.

Se basta a parte para a identificação do todo – o braço que apareceu foi suficiente para o reconhecimento do menino Jesus –, o todo se repete integralmente nas partes. Esse é o princípio da teoria dos fractais, em que a divisão do todo em partes não faz com que o todo perca sua essência de todo, uma vez que ele se repete, integralmente, em cada parte. A unidade mínima tem o mesmo valor da unidade máxima. Isso se faz presente na segunda estrofe, quanto ao significado de Sacramento, Deus está presente, por inteiro, em cada fragmento da Eucaristia que é oferecido aos fiéis:

E todo assiste inteiro em qualquer parte.

A construção das dobras por meio de fractais faz com que Deus exista, por inteiro, em Jesus, e Jesus esteja integralmente em Deus. Em todo homem, Deus está, por tê-lo feito à sua imagem e semelhança. Se Deus, como criador, está em tudo que criou, por ser onipresente, determina e controla o que acontece, por ser onisciente. A onipresença e a onisciência de Deus anulam na criatura o livre arbítrio. O homem não existe porque pensa, mas porque Deus lhe dá e determina a vida.

Esse paradoxo é o gene que dá origem, no texto, ao retor, aquele que conhece a arte de persuasão e que usa a técnica de persuadir por meio de instrumentos argumentativos. No caso, o argumento utilizado é o do livre arbítrio, que se estabelece pela oposição à onipresença e à onisciência de Deus. Se a presciência divina existe, livre arbítrio não pode haver. Aqui se encontra uma das características do Barroco, a oposição entre valores, principalmente entre o sacro e o profano, temática sobre a qual Gregório de Matos incansavelmente se debruça.

Por outro lado, com base em Perelman (1987), pode-se considerar também, do argumento fundado na estrutura do real, especificamente, a ligação de coexistência entre elementos do real que estabelece relações entre realidades de condições diferentes, em que uma é tomada como expressão ou manifestação da outra. A parte coexiste com o todo e vice-versa, mesmo sendo realidades diferentes, e uma é tomada como expressão e manifestação da outra:

[...] sendo parte,

Nos disse as partes todas deste todo.

Por meio do imbricamento entre o argumento do livre arbítrio e a ligação de coexistência do argumento fundado na estrutura do real, consolida-se, também, a figura da dobra. O primeiro se constrói pelo paradoxo e o segundo, pela congruência. O paradoxo dá sustentação à congruência que, por sua vez, se rompe em paradoxo:

Mas se a parte o faz todo, sendo parte,

Não se diga, que é parte, sendo todo.

[...]

O braço de Jesus não seja parte,

Pois que feito Jesus em partes todo,

Esse entrelaçamento revela o gênero retórico que manifesta o discurso, qual seja, o epidítico, cuja característica é trabalhar com opostos e com verbos no presente: *O todo sem a parte não é todo*. No texto, a mistura elaborada pela figura da dobra, pelo desenho fractal, pelo argumento do livre arbítrio e pela ligação de coexistência é recurso para uma sátira crítica da própria constituição cristã de Deus e da figura de seu divino filho Jesus. Basta, de Jesus, um braço para que sua integral divindade seja revelada e reconhecida, e não só como parte dele, mas também como um todo evidenciador de Deus:

[...] está Deus todo,

E todo assiste inteiro em qualquer parte,

[...]

O braço de Jesus não seja parte,

Pois, que feito Jesus em partes todo,

Articulados os argumentos, organizado o texto, este é oferecido ao auditório para o qual foi produzido. Esta é a função do orador, tradução latina do retor grego, mas que ganhou, aos poucos, novo investimento significativo, conforme os estudos retóricos foram se diversificando.

Enquanto, na Grécia, a Retórica florescia, como ciência da arte e da técnica argumentativas para persuadir um auditório; em Roma, desenvolvia-se a Oratória: conjunto de regras e técnicas adequadas para produzir e apresentar um discurso e apurar as qualidades pessoais do orador. Começava a ser desenvolvida no adolescente, só nos do sexo masculino, a partir dos dezesseis anos, nas reuniões do *forum* romano, a aprendizagem da vida pública, o *tirocinium fori*, ocasião em que o jovem tinha condições de demonstrar seus conhecimentos e seu caráter pela “arte do saber dizer”, concepção romana da eloquência.

Essa prática ocorreu, principalmente, durante o período da República Romana, que teve uma vigência relativamente longa, de 509 a 27 a.C., quando tem início a fase imperial, até 476 d.C. Há de se destacar que Roma, na ocasião, privilegiava, essencialmente, o conhecimento prático e organizador em detrimento do teórico ou especulativo, presente na Grécia. Isso decorria do fato da economia romana vir da produção rural, diferente da grega que vinha do comércio, pela impossibilidade do cultivo em solo tão árido.

Pela tradição, como camponês, o romano valorizava muito a prática, diferentemente do grego que tinha um espírito mais intelectual e mais artístico. A configuração entre os dois povos se diferenciou pela formação, os gregos mais liberais e os romanos mais profissionais. Assim, os romanos davam mais importância ao poder do agir do que do falar, daí a importância da realização do *tirocinium fori*, intensificadamente, a partir do século II a.C.

Como o propósito de falar em público não se reduz à simples transmissão de informações, pode motivar as pessoas a agirem, por isso, um bom orador deve ser capaz de alterar as emoções dos seus ouvintes e não apenas informá-los, para tanto, deve fazer um apelo à ação, mantendo linguagem clara, frases curtas com ritmo suave, transição lógica entre os tópicos, principalmente quando se trata de um texto com uma tessitura léxico-gramatical intrincada como a do poema em questão, veja-se a primeira estrofe:

O todo sem a parte não é todo,
A parte sem o todo não é parte,
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga, que é parte, sendo todo.

Uma recitação rápida desse trecho deixará o auditório atônito. O orador tem de encaminhar a fala com muito cuidado para que o ouvinte não se perca no entendimento do poema e o leve, erroneamente, a considerar uma espécie de construção absurda, sem sentido, mero labirinto sonoro com jogo de palavras.

Até o século I a.C., em Roma, a ênfase era dada à Oratória, embora já houvesse conhecimento de Retórica, uma vez que havia uma aproximação entre a educação romana e a grega, em grande parte, graças ao contato cultural estabelecido pelas colônias que a Grécia mantinha na Península Itálica e na Sicília, e que exerciam forte influência em toda a região.

Os conflitos decorriam, em destaque, do enfoque educacional adotado por cada civilização. Enquanto entre os gregos a educação era um assunto de grande interesse para o Estado, o mesmo não acontecia com Roma. Era prática do Estado romano atribuir essa responsabilidade à família ou à iniciativa privada.

Mesmo assim, grande parte da educação romana se espelhou na educação grega, mas o ensino de retórica foi incorporado por Roma só no século I a.C., um século depois da sistematização efetiva do *tirocinium fori*. Por isso, a Oratória tinha um significado social maior que a Retórica, o que levou os tradicionalistas romanos a considerarem o ensino da Retórica, pela primeira escola latina dessa arte, aberta em 93 d.C. por Plócio Galo, como um elemento grego intruso à sociedade latina, decorrendo daí o seu prematuro fechamento. Porém, essa situação de hostilidade foi aos poucos sendo revertida, chegando ao século I d.C., com Quintiliano, a ser reabilitada pela importância dada, por esse autor, aos ensinamentos gregos. O ensino de Oratória passa a ter bases retóricas. Os alunos deviam saber discorrer sistematicamente sobre a estrutura de preceitos de eloquência e fazer divisões em seu discurso, em etapas e estilos, permanecendo as técnicas para uma boa atuação do orador: clareza, cadência, modulação.

Quando dos escritos de Quintiliano, Roma já se encontrava em estado de Império. Embora menos central para a vida política do que nos dias da República, a Oratória manteve-se importante no direito, e tornou-se uma importante forma de entretenimento, com oradores e declamadores famosos a obterem grande riqueza e prestígio por suas habilidades.

A declamação é uma arte cênica, marcada por um tom teatral. Hoje, os excessos entonatórios e gestuais desapareceram. A declamação, na época romana, era composta por certo ritmo que lembrava bastante um tom musical, sem ser propriamente uma canção, mas uma forma compassada e rítmica de dizer e representar o texto recitado.

A técnica da declamação leva em consideração, inicialmente, os acentos que destacam quando e como se deve aumentar ou diminuir a voz ao pronunciar cada sílaba. Em decorrência, vem a entonação, mais grave ou mais aguda, marcando a sinuosidade do ritmo, duração do som, associado ao compasso, forma quantitativa de dividir os sons em grupos, cadência, sequência encadeada e regular de sons.

A declamação era ensinada na escola como uma estratégia para o aperfeiçoamento da leitura. Era praxe o exercício oral da leitura, o que trazia a todos o conhecimento básico das técnicas de declamação. Com as novas vertentes adquiridas pela educação, com o advento da era Moderna e os novos procedimentos pedagógicos advindos com o desenvolvimento da ciência, essas técnicas de leitura foram abandonadas e a Oratória se profissionalizou e passou a ser matéria de cursos específicos.

Mesmo assim, uma leitura compassada, principalmente de um poema, traz ricos favorecimentos para uma melhor exploração de suas potencialidades poéticas dada pela acentuação, pela métrica e pela rima.

[u 'todu 'sējŋa 'parti 'nāwwé 'todu,
 a 'parti 'sējŋu 'todu 'nāwwé 'parti,
 'Masja 'partjo 'faz 'todu, 'sēdu 'parti,
 'Nāw si 'diga, kjé 'parti, 'sēdu 'todu.]

A transcrição fonética evidencia o andamento da declamação que, esclarecida-mente, possibilita encontrar uma saída para o labirinto criado por várias estratégias meticulosamente calculadas da entonação com acentuação iterativa, tônico-átono-tônico-átono-tônico-átono; do ritmo alternado de som, fechado-fechado-aberto-fechado-aberto-fechado/aberto-fechado-fechado-fechado-aberto-aberto/aberto-aberto-aberto-fechado-fechado/aberto-fechado-fechado/aberto-fechado-fechado-fechado-fechado-fechado; métrica, versos decassílabos; e da rima A (som fechado) – B (som aberto) – B (som aberto) – A (som fechado).

Em suma, pelo exposto, verifica-se que a poética barroca se constrói por um enlace entre efeitos retóricos, oratórios e declamatórios, por meio de um culto dialético, de matriz aristotélica, da divisão das tópicas da invenção e da disposição. A invenção, parte em que o poeta apresenta:

O tema a ser abordado: a relação todo/parte.

O todo sem a parte não é todo,
 A parte sem o todo não é parte,

Os argumentos de sustentação de seu posicionamento: a implicação do todo como determinante da parte e vice-versa.

Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
 Não se diga, que é parte, sendo todo.

O gênero para expansão do discurso: a correlação opositiva entre todo e parte com verbos no presente.

O todo sem a parte não é todo,
 A parte sem o todo não é parte,
 Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
 Não se diga, que é parte, sendo todo.

A disposição, em que o poeta determina a ordem dos argumentos e elabora o plano do discurso:

O exórdio, em que é feita uma breve exposição da questão a ser tratada.

O todo sem a parte não é todo,
A parte sem o todo não é parte,
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga, que é parte, sendo todo.

A narração, que consiste na exposição de fatos que dão sustentação à intenção pretendida.

O braço de Jesus não seja parte,
Pois que feito Jesus em partes todo,
Assiste cada parte em sua parte.

A confirmação, em que são apresentados os argumentos, de livre arbítrio e de ligação de coexistência.

Em todo o Sacramento está Deus todo,
E todo assiste inteiro em qualquer parte,
E feito em partes todo em toda a parte,
Em qualquer parte sempre fica o todo.

A peroração (epílogo), em que é apresentado um fechamento da intenção estabelecida e os argumentos de base.

Não se sabendo parte deste todo,
Um braço, que lhe acharam, sendo parte,
Nos disse as partes todas deste todo.

A criação poética de Gregório de Matos traz essas características bem marcadas, condizentes com seu temperamento variável, oscilante, extrovertido, próprio de um poeta que foi repentista, improvisador e tocador de viola, o que significa uma permanente disponibilidade versificatória.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Retórica*. Lisboa: INCM, 1998.

DELEUZE, Gilles. *A Dobra: Leibniz e o Barroco*. Campinas, SP: Papirus, 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.

GUERRA, Gregório de Matos. Crônica do viver baiano seiscentista. In: _____. *Obra Poética Completa*. Códice James Amado. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. v. 1. p. 67.

HALLIDAY, Michael. *An introduction to Functional Grammar*. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

KAHANE, Howard. *Thinking about basic beliefs*. Tradução de Álvaro Nunes. Belmont, CA, USA: Wadsworth, 1983. p. 43-64. Disponível em: <<http://ateus.net/artigos/ceticismo/livre-arbitrio-determinismo-e-responsabilidade-moral/>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

PERELMAN, Chaïm. Argumentação. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 11. Lisboa: INCM, 1987. p. 234-265.

QUINTILIANO. *Instituição oratória*. Campinas, SP: UNICAMP, 2015.

VASCONCELOS, Beatriz Avila. Quatro Princípios de Educação oratória segundo Quintiliano. *PHAOS – Revista de Estudos Clássicos*, n. 2, p. 205-225, 2002. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/phaos/article/viewFile/3607/3048>>. Acesso em: 29 jun. 2017.